

Helena Solberg reluz nas Gerais



Com uma obra essencial para a consolidação de um cinema moderno e feminista no Brasil, a diretora ganha homenagem e retrospectiva na arrancada da maratona cinéfila de Ouro Preto

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

São muitas (sempre muito necessárias e todas bem-vindas) as razões para a realizadora Helena Solberg ser a artista homenageada na edição que marca a maioria da mostra CineOP, nas Gerais, a começar pela efeméride de 50 anos de sua estreia na direção, com a “A Entrevista”. Na seleção dos títulos de sua filmografia, separados pelo evento mineiro para ilustrar o quão essencial sua obra é (sobretudo para o amadurecimento do cinema brasileiro moderno), foram resgatadas suas andanças pela América hispânica (“A Dupla Jornada”, de 1975), e pelos EUA (“A Nova Mulher”, de 1974).

Com carreira reconhecida internacionalmente, vide os prêmios estrangeiros dados a “Carmen Miranda: Bananas Is My Business” (1995), a cineasta também foi laureada em festivais de forte adesão popular deste país, como o de Gramado. Ganhou por lá o troféu Kikito de Melhor Longa-Metragem, em 2004, por “Vida de Menina” – uma ficção. Hoje, em paralelo a seus compromissos em Ouro Preto, ela tem um projeto novo sobre a população evangélica no forno e não para de ter ideias.

“Esse novo filme é centrado em uma figura de liderança evangélica que se chama Wesley Teixeira. Ele vive em Duque de Caxias, na região do Morro do Sapo. O filme acompanha sua trajetória e me permite conhecer melhor essa cultura da periferia. O Wesley é um evangélico de esquerda que sobreviveu numa realidade violenta. Ele mesmo considera um fenômeno o fato de ter chegado aos 30 anos, sendo um homem negro, naquela área, do estado do Rio, onde a violência é pesada. O filme sobre o Wesley está me apresentando um Brasil que eu não conhecia. E isso é uma das coisas mais bonitas do documentário: ele nos obriga a continuar aprendendo. Cada filme abre uma porta para um mundo novo”, explica Helena.

Na triagem das justificativas (acertadas) da direção artística da CineOP em celebrar os feitos de



Ique Esteves/Universo Produção

“O filme sobre o Wesley está me apresentando um Brasil que eu não conhecia. E isso é uma das coisas mais bonitas do documentário: ele nos obriga a continuar aprendendo”

HELENA SOLBERG

Helena por trás das câmeras, sua formação como cineasta é marcada por encontros que, em si, renderiam filmes. Na rodagem de “A Entrevista” (1966), ela convidou o pintor e cineasta Mario Carneiro (1930-2007) para a fotografia e teve o titã Rogério Sganzerla (1946-2004), realizador de “O Bandido da Luz Vermelha” (1968), no comando da montagem. Ficaram amigos para

o resto da vida. Dali, ela foi a São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) para assistir às filmagens de “O Padre e a Moça”, a convite de Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988). Trabalhou ainda como continuísta do igualmente titânico Paulo César Saraceni (1932-2012) em “Capitu” (1968). Na troca com os gigantes do Cinema Novo, o documentário acabou se desenhando como a forma

de expressão cinematográfica mais afim às motivações e objetivos. Mas não foi premeditado.

“É por meio de personagens... pessoas... que consigo acessar os temas que abordo”, diz a realizadora, que abriu o festival É Tudo Verdade, em 2024, com “Um Filme Para Beatrice”, discutindo como vão as mulheres no Brasil.

À época de sua exibição no Rio,

Helena disse ao Correio da Manhã: “O cinema foi uma ferramenta que mais de uma vez me aproximou de uma realidade suspeitada, mas, até então, desconhecida, e, como em todo documentário, acho que saí mais sábia e enriquecida por haver escutado o outro/a outra e juntas (o feminismo) vamos continuar atrás de respostas”.

No site da Mostra, o <https://cineop.com.br/>, onde os filmes de Helena podem ser vistos online, a equipe curatorial, representada por Juliana Gusman e Cleber Eduardo, explica a força política (de inclusão) por trás da celebração da diretora. Escrevem: “Helena Solberg, carioca nascida em junho de 1938, foi uma das primeiras realizadoras a torcer hierarquias visuais de um cinema brasileiro até então – e talvez até hoje – predominantemente masculinizado. Em ‘A Entrevista’ (1966), que virgula a nossa historiografia ao se tornar o primeiro curta-metragem feminino e feminista do cinema moderno nacional, Solberg reúne uma série de depoimentos de jovens de 19 a 27 anos que comentam, com notáveis discordâncias, sobre questões que orbitam sua experiência cotidiana aburguesada. (...) A obra é atravessada por uma insolucionável ambiguidade ao tensionar falas que comprovavam tanto a alienação das jovens da classe média alta brasileira, quanto suas justificadas insatisfações com os papéis de gênero que lhes eram atribuídos. De qualquer forma, o filme apresentaria temáticas nunca trabalhadas no cinema nacional a partir de um manejo de linguagem igualmente inovador”.

“Eu não gosto muito de dissecar o meu processo criativo, pois ficar consciente demais dos mecanismos me dá um certo pânico. Isso poderia até me paralisar”, diz Helena. “Acredito que a memória, o tempo e a identidade fazem parte de uma forte intuição. Essa intuição, poética, é alimentada pela pesquisa, pelo conhecimento, mas também pelo cinema enquanto ferramenta de expressão. No documentário, principalmente, essa ferramenta ajuda a organizar os elementos da realidade”.

A CineOP vai até 30 de junho.